



PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO: UMA REFLEXÃO SOBRE OS PROCESSOS DE ADOECIMENTO MENTAL NAS RELAÇÕES TRABALHISTAS CONTEMPORÂNEA

Psychopathology at work: a reflection on mental illness processes in contemporary labor relations

Wanessa Sousa dos Santos^{1,2}, Hilário Rodrigues de Souza², André Sousa Rocha², Francisco Evalderson Teixeira Rodrigues^{1,2}, Antonia Juliana Mesquita Ferreira²

RESUMO

Ao longo da cronologia evolutiva da humanidade, a atividade trabalhista foi um fator crucial a manutenção da existência do sujeito, tanto coletivo como individual. Sendo assim, a humanidade se configura política e historicamente, em sua maioria, conforme o conceito laboral. Dessa forma, separar essa atividade da vida das pessoas não é nada fácil, diante da relevância e dos impactos na saúde mental produzidos por ela. Frente a essa temática, objetivou-se analisar as implicações que a atividade laboral exerce sobre a saúde mental dos colaboradores, de modo a trazer reflexões sobre a importância da temática para o cenário atual. Para isso, trata-se de uma revisão narrativa de literatura em que foram abordados teorias e conceitos acerca do labor e as patologias decorrentes desse processo. Foi discutido também os fatores do adoecimento mental nas organizações e as suas repercussões na qualidade de vida dos trabalhadores. A partir dos resultados coletados, percebeu-se a amplitude da problemática que o conceito gera para a sociedade contemporânea, pois a aceitação e entendimento sobre o assunto foram gradualmente evoluindo e se moldando às aspirações e interesses dos seres humanos. Dessa forma, refletir a respeito da temática conduz a indagações instigantes e inevitáveis, o que aconteceu histórica e socialmente para que na atualidade o binômio trabalho e adoecimento, esteja em constante discussão, não sendo visto mais como um problema individual, mas como um problema de saúde pública que atinge os indivíduos em escala crescente.

Palavras-chave: Trabalho. Adoecimento. Psicopatologia do Trabalho. Saúde Mental.

ABSTRACT

Throughout the evolutionary chronology of humanity, labor activity was a crucial factor in maintaining the existence of the subject, both collective and individual. Thus, humanity is configured politically and historically, for the most part, according to the labor concept. Thus, separating this activity from people's lives is not easy, given the relevance and impacts on mental health produced by it. Faced with this theme, the objective was to analyze the implications that the work activity has on the mental health of employees, in order to bring reflections on the importance of the theme for the current scenario. For this, it is a narrative literature review in which theories and concepts about labor and the pathologies resulting from this process were addressed. The factors of mental illness in organizations and their repercussions on the quality of life of workers were also discussed. Based on the results collected, the breadth of the problem that the concept generates for contemporary society was perceived, as the meaning and understanding of the subject gradually evolved and molded itself to the aspirations and interests of human beings. In this way, reflecting on the theme leads to instigating and inevitable questions, what happened historically and socially so that today the binomial work and illness is in constant discussion, no longer being seen as an individual problem, but as a problem of public health that affects individuals on an increasing scale.

Keywords: Work. Illness Work Psychopathology. Mental Health.

1. Psicóloga pelo Centro Universitário UNINTA – Campus Itapipoca. Itapipoca, Ceará, Brasil.

2. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNINTA – Campus Itapipoca. Itapipoca, Ceará, Brasil.

*Autor para Correspondência: vanessasantos6930@gmail.com



INTRODUÇÃO

O adoecimento no mundo laboral tem se tornado um fator intrínseco às condições em que o empregado é submetido. Sendo assim, o adoecimento do homem em decorrência do trabalho tem sido objeto de revisão dos fatores produtivos, embora as soluções sejam voltadas para a readaptação e redimensionamento otimizados para manter o crescimento e o status do sistema capitalista. Sendo assim, as novas exigências do capitalismo contemporâneo perpassam a complexidade na qual o trabalho está caracterizado, mediante processos cada vez mais intensificados, descartáveis, com trabalhos cada vez menos estáveis. Dessa forma, o capitalismo se impõe na criação e formação de valores, aumentando a extração do labor em tempos progressivamente mais reduzidos¹.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2015), o afastamento dos colaboradores, em decorrência do adoecimento mental, acarreta consequências econômicas e sociais negativas. Do mesmo modo, a Organização Mundial da Saúde² e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), afirmam que mais de 30% dos profissionais são acometidos por algum tipo de transtorno mental.

Ademais, o que se tem observado é o crescente adoecimento generalizado das pessoas em decorrência dos processos produtivos do labor, na própria alienação que o sistema produtivo impõe aos indivíduos está o cerne do estranhamento de si. Segundo a OMS (2020)² aproximadamente 6% da população brasileira foi diagnosticada com algum tipo de transtorno mental, tornando o Brasil o país com maior incidência da América Latina.

Nesse sentido, o que se vive atualmente são as consequências dos fatos que aconteceram ao decorrer da história do mundo trabalhista³. Os novos moldes da atividade laboral foram substituindo o indivíduo pelas máquinas, desde o período de sua criação até os dias atuais, acarretando inúmeras pessoas desempregadas, sentimento de incapacidade em executar determinadas funções, ocasionando assim, uma ausência de saúde ocupacional e o aparecimento de psicopatologias no trabalho⁴.

O mesmo autor ainda traz que a modernidade do trabalho incide diretamente na incidência de sofrimento não reconhecido pelo sujeito, sendo ocasionado pela organização⁴. Com isso, as empresas e os próprios colaboradores desenvolvem várias estratégias defensivas, que podem ser exploradas pelas organizações trabalhistas com a intenção de aumentar ainda mais a produtividade.

Portanto, considerando a importância da temática do que leva o adoecimento dos trabalhadores nas organizações, assim como a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre o assunto, o presente estudo tem a seguinte questão de

pesquisa: O que motiva os inúmeros casos de adoecimento mental dos trabalhadores nas organizações. A partir das provocações questionadas, objetivou-se analisar as implicações que a atividade laboral exerce sobre a saúde mental dos colaboradores, de modo a trazer reflexões sobre a importância da temática para o cenário atual.

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho ao decorrer da história

O homem contemporâneo ocupa grande parte do seu tempo usual com o labor, portanto, é considerada a atividade central de atribuição de um sujeito, no qual permite a ele a manutenção financeira, a elaboração de uma identidade como ser humano, além de constituir dignificação e sentido a sua vida. Marx esclarece, na dinâmica social, que “o acúmulo dessa servidão é que somente o trabalhador homem pode se manter como sujeito físico, e só como sujeito físico ele pode ser trabalhador”⁵. Ao considerar as transformações relacionadas a atividade laboral ao decorrer da história, é notória a sua influência na construção da identidade e subjetividade dos indivíduos, devido a sua importância na formação da sociedade.

As perspectivas acerca do labor são decorrentes de um decurso histórico, no qual os avanços e a propagação de cada um deles acontecem de forma simultâneas à evolução de conhecimento e dos modelos de manufatura da sociedade de modo geral. Dessa forma, o entendimento acerca da atividade laboral associa-se a cultura, a inclinações econômicas, políticas e ideológicas. A aceção e o valor do trabalho dependem das crenças e atitudes das pessoas em relação ao trabalho⁶. Além disso, é importante integrar o trabalho à vida do sujeito, para ter um sentido e não apenas se limitar a ser só um meio de sobrevivência⁷.

Acerca da definição do que seja trabalho, vários estudiosos tentaram conceituar o termo conforme seus vieses e percepções, entretanto o que se nota é que tal tarefa é no mínimo compendiosa. Há um entendimento do conceito do labor como sendo uma problemática que versa sobre a aceção que jamais será completa e, muito menos, irá abranger de forma íntegra toda a sua extensão⁸.

Dessa forma, ainda a respeito do labor⁹:

[...] o trabalho é uma condição fundamental na existência humana. Por meio dele, o homem se relaciona com a natureza, constrói sua realidade, significa-se, insere-se em contextos grupais, atua em papéis e finalmente promove a perenização de sua existência. Por viabilizar a relação dos indivíduos com o

meio, em um dado contexto, o trabalho expressa-se como incessante fonte de construção de subjetividade, produzindo significado da existência e do sentido de vida⁹.

Portanto, foi durante o século XX na qual o labor obteve o arranjo no qual vem sendo atribuído atualmente. Com o surgimento dos novos modelos laborais, acarretou modificação de sua natureza, com isso observou-se a evasão de atividades que antes eram tidas como consolidadas e da mesma forma o aparecimento de novos modelos tecnológicos e novos modelos de atividade ocupacional. Assim, muitas dificuldades surgiram, e os humanos foram gradativamente reformularam suas práticas e se adaptaram às novas demandas do âmbito do laboral¹⁰.

Neste sentido, com a evolução da sociedade pós-moderna, observa-se um esvaziamento do conceito do labor em razão da alta demanda de produções tecnológicas, que acabam gerando a perda da significação das atividades ocupacionais para os colaboradores, muitas vezes pela substituição da mão de obra artesanal em virtude da evolução da robotização. A vista disso, todos esses avanços ampliaram o nível de aperfeiçoamento do labor e demandaram que esses servidores ou candidatos a emprego possuíssem inúmeras habilidades¹¹. Logo, o âmbito profissional perde sua capacidade de ser visto e sentido pelos indivíduos, como um espaço de busca, de realização e de possibilidades.

Pois ao longo da cronologia evolutiva da humanidade, a atividade trabalhista sempre foi um fator crucial a manutenção da existência do sujeito, tanto coletivo como individual. A humanidade se configura política e historicamente, em sua maioria, conforme o conceito laboral. Dessa forma, separar essa atividade da vida das pessoas não é nada fácil, diante da relevância e dos impactos que o mesmo nelas provoca. Dessa forma, o capitalismo mudou o ideal a respeito da autonomia do sujeito de modo que lhe é demandado que ele venda a sua força física e psíquica para garantir a sua sobrevivência, separando, assim, a atividade laboral do sujeito na qual o executa⁵.

Atualmente, no mundo globalizado e capitalista, no qual estamos inseridos, a doutrina prevalente é a progressista, e o labor, possui sentido generalista, sendo visto como instrumento no qual a grande maioria da população se mantém viva, já a outra metade usa para a concentração de riquezas. A vista disso, as novas dinâmicas sociais se sustentam por meio de princípios que surgem com o papel de garantir e promover o sistema produtivo vigente¹².

Nesse sentido, o ser humano se moldou ao que era demandado no ambiente de trabalho, da mesma forma que as práticas dos recursos humanos surgiram e se desenvolveram, suprindo as necessidades do cenário histórico, na maioria

devido ao extenso desenvolvimento econômico e tecnológico que deixa marcas significativas na história. Um estudo apontou¹³ que os “fatores internos da atividade laboral” de modo que as organizações sendo componentes para o aparecimento de transtornos psíquicos relacionados ao meio trabalhista.

A psicopatologia do trabalho

A psicopatologia do trabalho foi elaborada com base nos estudos de Christophe Dejours em 1980, é uma abordagem científica, de natureza clínica e autônoma, com princípios, conceitos, objeto e métodos próprios. Baseia-se em descrições e conhecimentos do nexos acerca do labor e saúde mental, que torna o labor fundamental para constituição da identidade e da saúde psíquica dos sujeitos¹⁴.

O objetivo dessa abordagem é compreender o que move psíquica e socialmente o sujeito no âmbito do labor¹⁵ os processos mentais existentes; a constituição da identidade pessoal e social do sujeito; os antagonismos do mundo externo e interno dos colaboradores; bem como, o prazer e o sofrimento nas atividades laborais e os impactos das organizações na saúde psíquica, na qualidade de vida, no desgaste e adoecimento do trabalhador¹⁶.

Isso posto, surgiu uma nova visão do labor com estruturante psíquica, e levantamento de reflexões sobre as finalidades do sofrimento, como o bem-estar e a saúde nesse meio laboral. Quanto aos estudos nessa área, alguns autores propuseram suas definições¹⁷, por exemplo: “[...] na rubrica Psicopatologia no trabalho, reunimos pesquisas que tratam dos efeitos da psicopatologia relacionada as atividades laborais, sofrimento psicológico e esgotamento mental e físico são exemplos”.¹⁸tem uma visão semelhante acerca da psicopatologia no labor: “[...] uma pesquisa dinâmica dos processos mentais alterados pelo confronto do sujeito com a realidade do labor”.

No tocante a essa linha, foi a partir dos anos 2000, que as referências acerca da psicopatologia do trabalho tornaram-se bem mais frequentes. Dessa forma, alguns autores referem-se a ela como uma extensão da saúde psíquica e das análises acerca do labor¹⁹:

[...] Os estudos iniciais da Psicopatologia do Trabalho, onde se focavam as questões do sofrimento nas situações de trabalho, as pesquisas se ampliaram e evoluíram para os conceitos da Psicodinâmica do Trabalho, que supera os estudos sobre a dinâmica saúde-doença, para trabalhar num campo onde o enfoque se faz tanto em relação aos processos de trabalho, como nas questões do sofrimento humano em suas relações com a organização do trabalho¹⁹

Outro debate sobre essa área de estudo decorre indiretamente desta reflexão, entre a relação da atividade laboral e doença mental. ²⁰discute conjecturas metodológicas sobre as contribuições de diferentes abordagens referentes a questões de saúde-doença psíquica à luz da ênfase atribuída ao meio trabalhista.

A psicopatologia é um agrupamento de fenômenos humanos específicos relacionados, no qual ele historicamente chamou de “doenças mentais”. São estados mentais e padrões comportamentais que, por um lado, mostram especificidades psicológicas que estão fora dos padrões de normalidade aceitos pela sociedade²¹.

Os distúrbios psíquicos podem ser vistos como doenças na qual o labor pode complicar ou expandir sua etiologia. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o labor pode desencadear ou até agravar esses transtornos²². Portanto, podemos assim afirmar que a abordagem do trabalho relacionada ao adoecimento psíquico dependendo dos fatores internos e externos das organizações.

O processo de adoecimento psíquico no trabalho

No ambiente de trabalho, os sujeitos são submetidos a várias situações conflitantes na qual podem acarretar o sofrimento subjetivo, mediante vivências que violam seus princípios morais e éticos, desencadeando assim, conflitos emocionais consigo próprio ²³. Como resultado dessas experiências está o adoecimento mental. Da mesma forma, o adoecimento mental do trabalhador está presente nas organizações, principalmente pela distância irreduzível entre o trabalho prescrito e o real. Portanto, quando o labor se apresenta ao sujeito mediante incidentes e imprevistos, o sofrimento passa a fazer parte do labor e da vivência dos colaboradores²⁴.

O adoecimento em decorrência do trabalho possui em seu limiar vários fatores que influenciam o sofrimento psíquico. Isso posto, os sujeitos utilizam diferentes estratégias para se libertar do estresse, perseguições e injustiças que ocorrem no ambiente de trabalho. Diante disso, para manter seus empregos, os trabalhadores acabam escondendo as suas angústias e resistindo sob a alegação de que não têm condições ideais de trabalho, se comportando como servos, aceitando todas as exigências da organização laboral e, na maioria das vezes, deixando de cuidar de si mesmos²⁵.

Os efeitos dessa forma de trabalho não são benéficos à saúde dos trabalhadores, pois precisam encontrar novas maneiras de amplificar seus sentimentos, mais comumente agressividade, ansiedade e insatisfação²⁶. Se isso não acontecesse, o sujeito não aguentaria o estresse, então além da dor, ele gera outro problema, sendo a descompensação no trabalho, levando a um desempenho

inferior, menos renda, distância de seus colegas e possivelmente perda de emprego.

Os trabalhadores passam a controlar o sofrimento por estratégias defensivas para evitar que o próprio se torne uma patologia²⁵. Dessa forma, ²⁷explica algumas das causas das patologias, como exemplos é, a solidão que é fruto do contexto sócio-histórico e da instituição laboral no qual o sujeito está inserido, sendo conhecido como patologia do silêncio, visto que, as relações sociais e do labor se deterioram porque o sujeito não consegue se expressar.

As instituições têm forte influência nessa relação do trabalhador com seus sintomas, pois inúmeras vezes o estresse do sujeito é tão grande que ele não consegue encontrar uma brecha para compensar esse estresse. Assim, quando o indivíduo não encontra recursos necessários para se proteger, e não há negociação entre a organização e seus conteúdos laborais, pode resultar em adoecimento psíquico, dado que, esse sofrimento se torna algo patológico²⁴.

O labor pode pôr em risco a liberdade e a autonomia do colaborador, pois a necessidade de segurança, conforto e reconhecimento pode tornar o sujeito escravo das empresas. Segundo a sociologia clínica, a descrição falaciosa da instituição laboral propõe que os colaboradores se envolvam nas atividades e projetos da empresa e se afastem de seus próprios objetivos em função dos objetivos da empresa²⁵.

Considerando o exposto acima, ²⁸destaca o reconhecimento como algo essencial para o sujeito, visto que permite atribuir a qualidade das atividades laborais realizada, a ideia de que ele se tornou mais qualificado e ajudará na construção da sua identidade, pois o trabalhador espera que a qualidade de suas atividades trabalhistas seja reconhecida, mediante compensação sob a forma de prêmios, salário etc.

A sobrecarga de trabalho também é um fator que pode desencadear patologias, por ser o excesso de atividades laborais no qual o indivíduo fica exposto, significando não apenas o número de serviços a serem executados, mas também a análise da equipe que exerce suas funções de forma geral²⁹. Dessa forma, o labor vai muito além da mera execução de uma determinada tarefa, ele envolve toda a subjetividade do indivíduo, mobiliza o corpo, o intelectual, o sujeito para produzir algo útil³⁰.

Em conformidade, a doutrina progressista disseminada na atual sociedade vem provocando uma onda de sofrimento psicossocial, em que enfatizado através do medo de perder as suas atribuições, elevando os níveis de estresse, ansiedade e modificando o clima organizacional. É importante destacar que, quando o sujeito é exposto a um episódio estressante por um longo período, os efeitos no organismo podem ser mais intensos, levando ao desgaste e, por vezes, ao esgotamento, comprometendo a desempenho do trabalhador³¹.

Dessa forma, essas angústias enfraquecem as relações sociais em todos os aspectos da vida do sujeito, como a familiar, prejudicando assim a criação de uma melhor qualidade de vida, provocados pela relativa instabilidade no labor, a vista disso, este seja o motivo do acentuado número de colaboradores estarem submetidos a elevados níveis de estresse e propensos aos riscos de psicopatologias no trabalho. O apoio familiar varia muito conforme a estrutura da família e com o impacto econômico em decorrência do afastamento do trabalho³².

Ademais, o trabalho envolve os interesses e aspirações individuais dos trabalhadores e está ligado aos interesses e aspirações institucionais. As organizações, assim, precisam buscar estratégias que proporcionem prazer no trabalho e promovam ações de escuta e troca de comunicação que influenciam na composição do ambiente de trabalho, criando um clima favorável à saúde mental dos colaboradores³³.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica possibilita, com base em material publicado, analisar pontos de vista em determinado assunto³⁴. Por conseguinte, pode ser considerada meio de formação e com a técnica de resumo de assunto, se constitui, em suma, no primeiro passo de toda pesquisa científica³⁵. Assim faz-se necessário o embasamento de uma pesquisa para a fundamentação do estudo desenvolvido.

Para a elaboração da pesquisa foi realizada uma revisão narrativa de literatura de análise qualitativa, cujo objetivo é descrever a construção do tema proposto, no qual tende a ser as possíveis causas do processo de adoecimento na área organizacional, porém extremamente necessário e satisfatório³⁶. No entanto, este trabalho não tem a intuito de analisar as formas de desenvolvimento de trabalho das organizações como erradas e inapropriadas, mas sim promover mudanças nos ambientes de trabalho, tornando-a mais harmoniosa e menos adoecedor, alcançando as metas da empresa.

Os critérios de inclusão dos artigos manipulados, para a elaboração desta pesquisa, foi uma exploração exaustiva do material em busca de representatividade dos eixos temáticos para que estabelecemos as interpretações e inferências sobre o corpus, gerando as categorias de análise que nos permitiram compreender os processos de adoecimento mental nas relações trabalhistas.

As fontes para o presente trabalho incluíram artigos, livros e trabalhos acadêmicos, publicados no período temporal de 2015 a 2022, porém, durante as produções surgiram a necessidade de ampliar esse tempo de pesquisa no intuito de alcançar o objetivo do trabalho. Além disso,

contemplou-se o clássico da literatura em relação à temática³⁷. Sendo assim, foram incluídas as publicações que atenderam a demanda do estudo. A pesquisa é exploratória, com abordagem qualitativa, nos quais foram utilizados os seguintes descritores: trabalho, adoecimento, psicopatologia do trabalho, saúde mental, qualidade de vida no trabalho. Após leitura flutuante encontramos 123 (cento e vinte e três) artigos que a princípio abordavam o tema em questão, entretanto, após analisados, apenas 53 (cinquenta e três) corresponderam ao objetivo deste trabalho.

Por fim, foram utilizados 53 artigos, encontrados nas plataformas da Scielo, LILACS e Google Acadêmicos. Esses foram organizados considerando o procedimento de análise temática, onde foram levantadas as seguintes categorias a fim de explorar os conteúdos existentes: a) psicopatologia do trabalho: dentro desta categoria encontram-se os temas relacionados sobre as práticas e as possíveis contribuições dessa área para a saúde do trabalhador; b) adoecimento psíquico no labor foram abordados conteúdos no intuito de mostrar a necessidade de uma gestão voltada a saúde mental nas organizações; c) qualidade de vida do colaborador: neste item foram abordados assuntos voltados para práticas de qualidade de vida na atividade ocupacional. Como critério de exclusão foram descartados 70 trabalhos que não condizem com os objetivos propostos em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Saúde mental do trabalhador

A saúde mental do trabalhador começou a ser tratada formalmente como tema de interesse durante a Revolução Industrial, na Europa, com o surgimento da medicina do labor como área legítima e da higiene ocupacional e dos serviços médicos no local do labor. Essas atividades tinham como intuito prevenir acidentes e doenças e eram centradas na imagem de um médico, inteiramente voltado para fazer o fluxo de trabalho funcionar. No entanto, embora a promoção da saúde possa ser resultado dessas ações, nunca foi uma de suas intenções³⁸.

Algumas das estatísticas oficialmente disponíveis no Brasil foram fornecidas pela Previdência Social, que mostrou um aumento significativo de, 1157% aproximadamente (12,57) vezes a mais de benefícios acidentários relacionados aos transtornos mentais, de 2006 para 2007, época está em que foi implementado o critério epidemiológico para estabelecer a relação causal entre agravos à saúde associados ao trabalho^{39 40}. De 2008 a 2009, o aumento dos transtornos psicológicos alusivos ao trabalho continuou crescendo. Portanto, pesquisas devem ser realizadas para estabelecer o nexos sobre o sofrimento psíquico no ambiente ocupacional.

Estudos publicados pela Revista Brasileira de Saúde Ocupacional (RBSO) da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Medicina e Segurança do Trabalho (FUNDACENTRO) são referências importantes para a pesquisa em psicopatologia e doenças psíquicas no trabalho. Tendo em vista que eles forneceram visibilidade quanto a saúde mental relacionada ao labor do mesmo modo que participaram do ramo da saúde do trabalhador. Pesquisas mostram que os transtornos psíquicos são bem mais comuns entre os trabalhadores e são uma das principais causas de absenteísmo, redução da produtividade e afastamento laboral^{41 42}.

Além de ser um campo interdisciplinar, o ramo da saúde mental relacionada ao labor (SMRT) também é multidisciplinar, ao apresentar contribuições de outros campos não relacionados. Examinando o nexos entre saúde psíquica e trabalho, através da investigação do processo saúde-doença e de todos os fatores associados a atividade laboral, sendo eles provedores de saúde ou de enfermidades⁴³.

As primeiras contribuições para explicar os transtornos psíquicos surgiram na psicopatologia geral e na psiquiatria clínica, a partir dos estudos das teorias organicista e morais⁴³. Dessa forma, os estudos de saúde psicológica dos trabalhadores destacam duas questões: a primeira, diz respeito à condenação da jornada laboral excessiva, em que a luta pela saúde do corpo leva à condenação das condições laborais. A segunda, diz respeito ao sofrimento mental causado pelos arranjos de trabalho³⁰.

Desse modo, a relação dinâmica entre organização laboral e saúde mental formam o instrumento de estudo da técnica Dejouriana. Mas não se limitando aos seus efeitos nocivos, mas também engloba condições propícias à construção da saúde. Assim sendo, o labor em respectiva psíquica, contribui não só para a formação da identidade como da saúde psíquica dos colaboradores, podendo ser fonte de realização ou de sofrimento²⁸.

As estatísticas em saúde mostram as consequências das condições contemporâneas de trabalho precário. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os chamados transtornos mentais leves atingem 30% dos trabalhadores empregados e os transtornos psicológicos graves atingem cerca de 5% a 10%⁴⁰.

Os principais fatores de risco para doenças mentais são: carga horária excessiva, necessidades conflitantes e papéis mal definidos, cobrança excessiva para atingir metas de trabalho, má comunicação, falta de apoio de chefias e colegas, assédio psicológico ou violência sexual, violência por terceiros⁴⁵.

Por fim, dirigentes não sabem como lidar com os transtornos psicológicos. Outro ponto é que a pressão

excessiva, o envolvimento emocional e o esforço físico excessivo podem levar a vários problemas psicológicos, como ansiedade, tensão e depressão. É importante que os líderes das organizações observem esses sintomas em seus subordinados e saibam como agir em tais situações⁴⁴.

Relação saúde-doença e trabalho

A Organização Mundial da Saúde (OMS) traz o conceito de saúde como sendo “o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de doenças ou enfermidades”. Segundo as teorias⁴⁶, não existe um “estado de bem-estar completo”, porque esse “estado” é mais um ideal, algo que os indivíduos desejam alcançar.

No processo saúde-doença um autor⁴⁷ destacou que “saúde” pode ser entendida como a ausência de doença, e “doença” pode ser entendida como a ausência ou distúrbio da saúde. Ademais, um dos fatores que afeta decisivamente a saúde dos sujeitos e da população são as condições econômicas e sociais, isto é, o ambiente no qual os indivíduos nascem, vivem, trabalham e envelhecem é responsável pela maioria das doenças e agravos a saúde⁴⁸.

Segundo⁴⁹ (2014, p. 78), estabelecer o nexos sobre a saúde e trabalho não é simples, pois “O encadeamento de adoecer varia de pessoa para pessoa e envolve suas experiências pessoal e de trabalho”. Uma autora⁵⁰ observa a saúde de uma forma mais social, visualizando o estilo de vida bem como um fator externo que contribui para a doença, destacando que, além da poluição do ar, da violência e do ambiente familiar, os elevados níveis de estresse e o ritmo laboral são grandes agravos à saúde.

Um estudo apontou outra importante contribuição, no campo da saúde do trabalhador, que teve sua grande relevância no Brasil e foi incorporada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), visto que, apresenta os riscos de adoecimento e acidente que o labor pode desenvolver, bem como o impacto na subjetividade do trabalhador. Seus estudos ratificam o quanto os fatores ambientais agridem o organismo e o psiquismo do trabalhador⁴³.

Segundo⁴⁰, ao perceberem que os papéis dos sujeitos no trabalho contribuem para a evolução dos processos saúde-doença, há implicações éticas, técnicas e legais que afetam as instituições e as ações de saúde. Portanto, estabelecer uma relação causal entre eventos de saúde e determinadas circunstâncias de trabalho constitui a condição básica para a implementação de ações voltadas a saúde dos colaboradores nos serviços de saúde. Dessa forma, o labor e sua configuração atual podem levar os sujeitos a desenvolver transtornos psiquiátricos, ou mesmo desenvolver patologias.

Com base nessa afirmação, ⁵⁰ propõe uma relação dialética que existe acerca da saúde e doença, pois há vínculos entre o indivíduo e a sociedade e entre o indivíduo e

a qualidade de vida. Conforme uma pesquisa⁴⁹ o trabalho, mesmo em configurações diferentes, pode ser um causador de adoecimento. "Assim, saúde, doença e labor constituem uma relação cotidiana interdependente no qual pode ser traduzida pelo conceito de vida"⁴⁹

Dessa forma⁴⁶:

O bem-estar psíquico não provém da ausência de funcionamento, mas, ao contrário, de um livre funcionamento referente ao conteúdo da tarefa. Se a atividade laboral favorece esse livre funcionamento, ele será fator de equilíbrio; se ele se opõe, será fator de angústia, dor e de doença.

Outra área que se tem interesse na saúde do colaborador é a psicologia organizacional, que busca compreender a atividade laboral do homem a datar da experiência e vivências dos indivíduos a quanto ao tema, considerando as diversas configurações e expressões do trabalhador. Sua pesquisa inclui trabalho em organizações, questões como informalidade, aposentadoria, desemprego e questões da singularidade e das relações laborais. De forma geral, focalizando-se no bem-estar e na saúde psíquica da classe trabalhadora⁵¹.

A Qualidade de Vida no Trabalho (QVT)

A compreensão do termo Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) é multidisciplinar, e apesar de ser estudado há cerca de cinco décadas, é considerado recente. a QVT baseia-se em fatores mediadores como senários laborais seguras e saudáveis, oportunidades de desenvolvimento e formação humana, segurança no emprego e oportunidades futuras, inclusão social, remuneração justa e adequada⁵².

Na década de 1990, o tema QVT começou a se difundir amplamente, passando a fazer parte do discurso acadêmico e dos programas de qualidade total, levando os sindicatos a buscarem novas mudanças e o aparecimento de um novo movimento, aproveitando os novos modelos tecnológicos e uma geração de maior competitividade no ramo trabalhistas. Adicionalmente, a QVT é uma estrutura complexa composta por múltiplos fatores como: reconhecimento dentro da organização, salário e benefícios recebidos, relacionamento entre a equipe e a organização, satisfação com o trabalho realizado, ambiente psicológico e físico de trabalho, liberdade e responsabilidade dada e participação ativa dentro da empresa⁵³.

Nesse sentido, a qualidade de vida no trabalho tem duas dimensões: uma é do ponto de vista organizacional, é uma ferramenta de gestão que contém normas, diretrizes e práticas relacionadas às condições sócio ocupacionais para

promover o bem-estar social e coletivo, desenvolvimento e direitos, a condições de cidadania no ambiente de trabalho; outra perspectiva, segundo os autores, é a do funcionário, através do ambiente organizacional e da situação de trabalho construída, indicando reconhecimento, respeito ao sujeito e possibilidade de crescimento no trabalhar²⁷.

Uma pesquisa⁵⁴ sugeriu que, para avaliar a saúde organizacional poderia ser investigada medidas de qualidade de vida no trabalho (QVT), no qual envolve questões de satisfação, motivação, saúde e segurança no labor e considerando os novos moldes das instituições trabalhistas juntamente com os desenvolvimentos tecnológicos. Surgindo assim, no meio científico, como uma importante ferramenta capaz de avaliar o trabalhador de modo geral e as situações específicas como psicológicas, espirituais, físicas, econômicas, culturais e sociais. A qualidade de vida é uma preocupação que surgiu antes de Cristo, para reduzir o esforço físico de muitos trabalhadores. Diversos autores já o mencionaram, e hoje se tornou um desafio permanente ao passo que a rotina diária de um mundo desgastante e impactante evolui sem uma visão do que pode acontecer⁵¹.

Nesse sentido, embora haja toda uma preocupação acerca do tema, sabe-se que nem sempre foi assim, atualmente ainda existem muitas empresas que estão distantes do modelo ideal de satisfação dos funcionários, visando apenas o lucro e à produção. A cada dia o ramo trabalhista se torna mais competitivo, os funcionários são expostos a altos níveis de estresse e pressões, o que resulta em organizações com alta evasão de funcionários, baixa satisfação, conflitos internos e baixo desempenho nas tarefas. Portanto, a QVT tem sido uma ferramenta de gestão eficaz cujo principal objetivo é aumentar a produtividade e a satisfação, na qual as organizações que desejam atingir de modo satisfatório os clientes externos não podem deixar de atender os clientes interno⁵³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os achados na revisão de literatura acerca do adoecimento mental pertinentes ao trabalho, pode-se compreender a linha tênue presente sobre ambos, visto que, o labor e suas configurações atuais podem ocasionar ou favorecer o aparecimento de angústias e patologias. À vista disso, o ambiente laboral conta com vários fatores que podem levar ao adoecimento físico e mental do colaborador, como as situações laborais, excesso de atividade, pressão, competitividade, medo, entre outros.

Logo, há necessidade de conhecer mais sobre a realidade da saúde psicológica dos trabalhadores, a fim de desenvolver ações que promovam a saúde e o bem-estar desses sujeitos, no intuito de viabilização da saúde e

prevenção de doenças. Pois na maioria dos artigos analisados, na sua grande maioria eram mais relacionados a psicopatologias e ao trabalho, no qual poucos se falavam da saúde e bem-estar do trabalhador, visando sempre ampliar as produções e a garantia do sistema capitalista vigente.

É imprescindível que os colaboradores tenham conhecimento referente aos impactos que as relações laborais podem ter em sua existência, e por meio disso, buscar desenvolver ações voltadas para a sua saúde mental juntamente com os gestores das empresas.

Portanto, para ampliar o conhecimento nessa área urgente e necessária, acerca das atividades laborais e saúde mental, recomenda-se que pesquisas futuras deem continuidade a esse trabalho, realizem buscas em outras bases de dados, e utilizem mais anos, pois poucos estudos foram encontrados. É fundamental a realização de pesquisas de campo nessa área, para que novas informações possam possibilitar intervenções voltadas para a saúde ocupacional e para garantir o bem-estar dos trabalhadores.

O presente estudo atingiu os seus objetivos na medida que possibilitou o conhecimento acerca de como os novos moldes de trabalho podem interferir na qualidade de vida do sujeito, agindo assim sobre sua saúde psíquica e até podendo ser um gerador de doenças. Como resultado, o labor pode afetar as relações interpessoais e favorece o aparecimento de elevados níveis de estresse, exaustão física e mental. Ademais, o que se pode observar é que os servidores tiveram suas visões modificadas acerca do ambiente de trabalho após o adoecimento.

Desse modo, é imperioso que os empregadores desenvolvam formas de gestão que adotem a efetiva participação dos colaboradores, para que eles consigam se expressar dentro de suas atividades ocupacionais a fim de possibilitar o bem-estar e a promoção da saúde psíquica desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

- Antunes R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.
- Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) [Internet]. Ufrj.br. 2021. Available from: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/oms2.html>.
- Merlo ÁRC, Lapis NL. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*. 2007 Apr;19(1):61–8.7
- Dejours C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 6ª ed. São Paulo: Cortez; 2015.
- Marx K. O capital: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural; 1983.
- Bendassolli PF. Crítica às apropriações psicológicas do trabalho. *Psicologia & Sociedade*. 2011 Apr;23(1):75–84.
- Ribeiro CV dos S, Léda DB. O Significado do Trabalho em Tempos de Reestruturação Produtiva. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* [Internet]. 2004 Dec 1;4(2):76–83. Available from: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11145>.
- Schwartz Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*. 2011;9(suppl 1):19–45.
- Rohm RHD, Lopes NF. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. *Cadernos EBAPEBR*. 2015 Jun;13(2):332–45.
- Zanelli JC, Borges-Andrade JE, Bastos AVB. *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil - 2.ed.* [Internet]. Google Books. AMGH Editora; 2014 [cited 2023 May 5]. Available from: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=yu25AwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=BORGES%3B+YAMAMOTO>
- Caldas MP, Tonelli MJ, Lacombe B. Desenvolvimento histórico do RH no Brasil e no mundo. Boog, Gustavo; Boog, Magdalena. *Manual de gestão de pessoas e equipes*. São Paulo: Gente, p. 59-84, 2002.
- Overejo A. Utilidad del aprendizaje cooperativo/colaborativo en el ámbito universitario. 2013.
- Manetti ML, Marziale MHP. Fatores associados à depressão relacionada ao trabalho de enfermagem. *Estudos de Psicologia (Natal)*. 2007 Apr;12(1):79–85.
- Dejours C. *Travail vivant: Travail et émancipation*. Paris: Payot; 2009.
- Mendes AM, Duarte FS. Notas sobre o percurso teórico da psicodinâmica do trabalho. In: Freitas LG. (Orgs.). *Prazer e sofrimento no trabalho: pesquisas brasileiras*. Curitiba: Juruá, 2013.
- Sznelwar LI, Uchida S, Lancman S. A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo Social* [Internet]. 2011 [cited 2021 Dec 14];23:11–30. Available from: <https://www.scielo.br/j/ts/a/Nhfd8gj8YmXzWjmDQqPHBjM/?lang=pt>
- Duarte FS. *Trabalhadores no divã: contribuições da psicopatologia clínica do trabalho (Tese de doutorado)*. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2020.
- Bertoncini EMO. Trabalho, identidade e aposentadoria precoce. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 1, n. 1, p. 13-13, 2002.
- Goulart J de A. Afastamento para tratamento de saúde: sintoma institucional e recurso precário no enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho docente. *Revista Subjetividades* [Internet]. 2003 [cited 2023 May 5];3(2):372–94. Available from: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4873>
- Jacques M da GC. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade*. 2003 Jan;15(1):97–116.
- Dalgalarrondo P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Artmed Editora, 2018.

22. Brasil. Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde, 2001. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho_manual_procedimentos.pdf>.
23. Vasconcelos A de, Faria JH de. Saúde mental no trabalho: contradições e limites. *Psicologia & Sociedade* [Internet]. 2008 Dec 1;20:453–64. Available from: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6X46nvFMKpmcLKv7HnYx76R/?lang=pt>.
24. Katsurayama M, Parente RCP, Moraes RD de, Moretti-Pires RO. Trabalho e sofrimento psíquico na estratégia saúde da família: uma perspectiva Dejouriana. *Cadernos Saúde Coletiva* [Internet]. 2013 [cited 2022 Dec 26];21:414–9. Available from: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/8Cp3gX3VVYxsWNLyZpnhpSD/abstract/?lang=pt>.
25. Calgaro GA. Fenomenologia da vida: as situações jurídicas do não nascido. *repositoriopucspbr* [Internet]. 2013 Dec 2 [cited 2023 May 5]; Available from: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/6325>.
26. Dejours C. Introdução à psicopatologia do trabalho. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, 1, 97-103, 1989.
27. Ferreira JB. Real do trabalho. F. d. Vieira, AM Mendes, e ÁR Merlo, *Dicionário crítico de gestão psicodinâmica do trabalho*, p. 343-350, 2013.
28. Merlo AR. O trabalho que adoce mentalmente. 6º Congresso Internacional sobre Saúde Mental no Trabalho. Goiânia: Fórum de Saúde e Segurança no Trabalho do Estado de Goiás, 21-23 out. 2014.
29. Monteiro JK, Oliveira ALL de, Ribeiro CS, Grisa GH, Agostini N de. Adoecimento psíquico de trabalhadores de unidades de terapia intensiva. *Psicologia: Ciência e Profissão* [Internet]. 2013;33:366–79. Available from: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/HCssm4VmvHb4Svwxmg69fVs/?lang=pt>
30. Dejours C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987.
31. Camelo SHH., Angerami EMP. Silvia Helena Henriques. Riscos psicossociais no trabalho que podem levar ao estresse: uma análise da literatura. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 7, n. 2, p. 234-240, 2008.
32. Torres ARA, Chagas MIO, Moreira ACA, Barreto IC de HC, Rodrigues EM. O Adoecimento No Trabalho: Repercussões Na Vida Do Trabalhador E De Sua Família. *SANARE - Revista de Políticas Públicas* [Internet]. 2011;10(1). Available from: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/142>
33. Glanzner CH, Olschowsky A, Kantorski LP. O trabalho como fonte de prazer: avaliação da equipe de um Centro de Atenção Psicossocial. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2011 Jun;45(3):716–21.
34. GIL AC *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, v. 201, 2010.
35. Marconi M de A, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados* [Internet]. 2012;277–7. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/eps-5199>
36. Ercole FF, Melo LS de, Alcoforado CLGC. Integrative review versus systematic review. *Reme: Revista Mineira de Enfermagem*. 2014;18(1).
37. Dejours, C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987.
38. Alves NCR. A construção sociopolítica dos transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
39. Brasil. Ministério da Fazenda. Anuário estatístico da previdência social. Disponível em: <http://sa.previdencia.gov.br/site/2019/04/AEPS-2017-abril.pdf>>. Acesso em: 12 de nov. 2017.
40. Brasil. Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho_manual_procedimentos.pdf>. Acesso em: 14 de nov. 2001.
41. Silva-Junior JS, Fischer FM. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais. *Revista Brasileira de Epidemiologia* [Internet]. 2015 Dec;18(4):735–44. Available from: <https://scielosp.org/pdf/rbepid/2015.v18n4/735-744/pt>
42. Souza AN de, Leite M de P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Educação & Sociedade* [Internet]. 2011 Dec 1;32:1105–21. Available from: <https://www.scielo.br/j/es/a/bTWb5wmPrCtwq49rTRNKfPM/abstract/?lang=pt>
43. Seligmann-Silva E. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo [Internet]. Google Books. Cortez Editora; 2022 [cited 2023 May 5]. Available from: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=BBxkEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=SELIGMAN N-SILVA>.
44. Ministério da Saúde, Saúde de A a Z. 2018. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/suicidio/>>. Acesso em: 15 de nov. 2022.
45. Contabeis, Transtornos mentais e comportamentais afastaram 178 mil pessoas do trabalho em 2017. 2018. Disponível em: <<https://www.contabeis.com.br/noticias/37981/transtornos-mentais-e-comportamentais-afastaram-178-mil-pessoas-do-trabalho-em-2017/>>. Acesso em: 14 de nov. 2022.
46. Dejours C, Dessors D, Desrioux F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*. 1993 Jun;33(3):98–104.
47. Pereira J. Prestação de cuidados de acordo com as necessidades?: um estudo empírico aplicado ao sistema de saúde português. <http://www.ipeagov.br> [Internet]. 1995 [cited 2023 May 5]; Available from: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9779>.
48. Carvalho G. A saúde pública no Brasil. *Estudos Avançados* [Internet]. 2013;27(78):7–26. Available from: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000200002.

49. Amazarray et al. Investigação em Saúde Mental e Trabalho no Âmbito da Saúde Pública no Brasil. In: Merlo ARC (Org.). Atenção à saúde mental do trabalhador: Sofrimento e transtornos relacionados ao trabalho. Porto Alegre: Evangraf, p. 75-92, 2014.

50. Minayo-Gomez C, Thedim-Costa SM da F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. Cadernos de Saúde Pública. 1997;13(suppl 2):S21-32.

51. Vasconcelos A de, Faria JH de. Saúde mental no trabalho: contradições e limites. Psicologia & Sociedade [Internet]. 2008 Dec 1;20:453-64. Available from: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6X46nvFMKpmcLKv7HnYx76R/?lang=pt>.

52. Fernandes JD, Ferreira SL, Albergaria AK, Conceição FM da. Saúde mental e trabalho feminino: imagens e representações de enfermeiras. Revista Latino-Americana de Enfermagem [Internet]. 2002 Apr [cited 2021 Nov 4];10(2):199-206. Available from: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/KW3Mx4kQ7sdwbkPG8h3F5Qw/?format=pdf&lang=pt>.

53. Chiavenato, Idalberto. Gerenciando pessoas. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

54. Alves EF. Qualidade de vida no trabalho: indicadores e instrumentos de medidas. Diálogos & Saberes [Internet]. 2010 [cited 2023 May 5];6(1):77-87. Available from: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/34825>